



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Peña Ghisleni, Angela; Crespo Merlo, Álvaro Roberto  
Trabalhador Contemporâneo e Patologias por Hipersolicitação  
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 18, núm. 2, maio-agosto, 2005, pp. 171-176  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18818204>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Trabalhador Contemporâneo e Patologias por Hipersolicitação

Angela Peña Ghisleni<sup>1</sup>

Centro Universitário Metodista IPA

Álvaro Roberto Crespo Merlo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

### Resumo

As Lesões por Esforços Repetitivos (LER)- também conhecidas como Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT)- se tornaram visíveis a partir da entrada da reestruturação produtiva- são vivenciadas por trabalhadores e expressas advindas da relação do trabalhador com o trabalho. Buscamos neste artigo a compreensão de como as LER/DORT se desenvolvem no corpo do trabalhador contemporâneo com base em sua história de trabalho, pensando esta síndrome como resultado da interação entre o trabalhador e o trabalho. Esta pesquisa apresenta como proposta associar conhecimentos da área biomédica, da psicologia social, configurando uma abordagem interdisciplinar na busca de uma linguagem de interface entre a biomedicina e o mesmo enfoque - o trabalhador.

**Palavras-chave:** Lesões por esforços repetitivos (LER); distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT); subjetivação.

### Contemporary Worker and Work-related Musculoskeletal Diseases

### Abstract

Cumulative Trauma Disorders (CTD)- which are also known as Work-Related Musculoskeletal Disorders (WRMD)- since an economic system rose based on production restructuring- are faced by workers and express suffering from the relation between workers and work. We look into how CTD/WRMD develop in contemporary workers' body, taking into account the worker's history of work, and viewing such syndromes as the subjectivation of the relation between workers and work. We favor an interdisciplinary approach in the search for an interface language among the biomedical knowledge and the social psychology, in search for an interface language among the professions and the worker.

**Keywords:** Cumulative trauma disorders (CTD); work related musculoskeletal disorders (WRMD); contemporary worker.

As Lesões por Esforços Repetitivos (LER), também conhecidas como Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT), ou ainda, como Patologias por Hipersolicitação, tornaram-se uma epidemia a partir da entrada nos processos produtivos do modelo de acumulação flexível, da reestruturação produtiva e da terceirização e são ainda alvo de muitos questionamentos. São afecções ocupacionais que expressam um dos sofrimentos advindos da relação do trabalhador com o trabalho e que já podem ser consideradas uma epidemia de saúde pública. As LER/DORT abrangem quadros clínicos do sistema músculo-esquelético adquiridos pelo trabalhador submetido a determinadas condições de trabalho e não há uma causa única para sua ocorrência. São fatores predisponentes a repetitividade de movimentos, a manutenção de posturas inadequadas por tempo prolongado, o esforço físico, a invariabilidade de tarefas,

Mas que dizer quando ocorre o caso? É com base nestas questões que se pode pensar a síndrome? Pode-se ainda pensar a síndrome como resultado de problemas psicológicos, familiares, pessoais? Ou como resultado de tais distúrbios. E quando os trabalhadores têm uma história familiar e pessoal equilibrada, mas ainda assim desenvolvem a síndrome, levando uns a desenvolverem a síndrome e outros não?

É com base nestas questões que se pode pensar a síndrome? Visualizando o trabalhador como um ser humano integral, mental não dicotomizado, propondo uma abordagem que não podem desenvolver-se as LER/DORT. Pensando o trabalhador contemporâneo a partir de sua história de vida, pensando essa síndrome como um

abordar questões que porventura não estivessem previstas. Foram também realizadas avaliações físicas, objetivando uma maior apropriação do quadro clínico dos trabalhadores, de modo a possibilitar traçar um perfil clínico de suas LER/DORT. A execução dessa pesquisa foi previamente autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do HCPA.

O objetivo da pesquisa foi investigar como se desenvolvem as LER/DORT no corpo desse trabalhador, a partir de sua história de trabalho, visualizando essa síndrome como uma subjetivação da relação entre o trabalhador e o trabalho.

Em Vigiar e Punir (1988), Foucault introduz a palavra genealogia ao suscitar o problema do poder e do corpo e também o exercício do poder sobre o corpo. De acordo com o autor, genealogia é :

o conjunto de pesquisas que busca redescobrir as lutas, e as memórias brutas dos combates, no acoplamento entre o saber erudito e o saber desqualificado. É a busca do saber histórico da luta. Essa pesquisa só pode ser realizada ao eliminarmos a tirania dos discursos englobantes, e a constituição de um saber histórico das lutas, acoplando conhecimento com memórias locais. Trata-se de ativar os saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica que pretendia depurá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência detida por alguns. (pp. 164)

Os relatos desta pesquisa foram analisados de acordo com as ferramentas teóricas da genealogia foucaultiana, com o intuito de fazer uma análise crítica das relações de poder e das formas de resistência aos diferentes tipos de poder que se apresentam na atualidade. Buscou-se realizar o estudo das estratégias do indivíduo, na sua constituição como sujeito, que defende a sua própria singularidade em meio ao atravessamento das redes de poder.

Deleuze (1990) diz que, ao fazermos um mapa, percorremos terras desconhecidas e temos que entrar nelas e deixar-nos atravessar, deixar-nos ser arrastados pelas correntes para encontrarmos novas orientações. Esta pesquisa pretende, por meio dos relatos, encontrar novas orientações, novos caminhos possíveis para a compreensão do processo de subjetivação das LER/DORT no trabalhador contemporâneo.

Fundamentalmente, a pesquisa apresenta como proposta associar conhecimentos da área biomédica com conhecimentos da psicologia social, configurando uma abordagem interdisciplinar. As LER/

Das 29 profissões encontradas, 16 estavam em linha de produção. As de maior ramificação foram o ramo calçadista (26%), o ramo da limpeza (12%) e as costureiras (6%). Quanto à carga horária, 72% trabalhavam de 7h a 9h/dia. Dos 50 entrevistados, 30% realizavam pausas de 16% tinham o direito a pausas durante a jornada.

Verificou-se que 60% dos pesquisados eram profissionais no período de 5 a 15 anos de idade (trabalho infantil). No que se refere à situação profissional, 64% estavam afastados do trabalho para tratamento. Em relação à permanência no último emprego até o momento da demissão ou ainda, no caso dos que estavam afastados, 64% trabalharam de 2 meses a 1 ano. Também que 44% dos trabalhadores adoeeceram no período de 2 a 10 anos de trabalho.

### *Exame Físico*

Uma característica marcante desses trabalhadores era a presença de tensão muscular excessiva, também conhecida como espasmo muscular involuntária. O estado de contração muscular era devido, segundo alguns autores, a fatores psicossociais que apresentam-se principalmente na região dos membros superiores, levando o indivíduo a um quadro algóico e de desenvolvimento de lesões (Couto, 1998; Moon, 2000). O tensionamento era possível de ser observado principalmente em questões que envolvessem seus ambientes e a ausência de reconhecimento profissional, ou em relação às suas dores, de suas limitações ou do não reconhecimento das mesmas dores. Tais características de tensão muscular excessiva apresentaram-se em 90% dos pesquisados. No exame físico, uma das alterações observadas nos trabalhadores foi a presença de contraturas musculares na coluna cervical. O trabalhador que apresentou contraturas, mas não tinha tensionamento excessivo foi diagnosticado com Hérnia de Disco na coluna cervical, justificando a presença das dores.

Esses dados levam a pensar que o tensionamento tende a gerar contraturas musculares, geralmente na coluna cervical, já que se trata de uma região sobrecarregada, em termos biomecânicos, devido às atividades realizadas no trabalho com os membros superiores.

É interessante notar que apenas 5 trabalhadores foram diagnosticados com diagnóstico médico de cervicalgia, apesar de 92%

a Síndrome do Impacto em 28 e a Epicondilite em 18. As lesões encontradas nesta pesquisa são localizadas fundamentalmente em membros superiores, o que confirma o relatado em bibliografia. Como exceção, um trabalhador apresentou Lombociatalgia e outro, Hérnia de Disco Lombar.

Utilizando uma graduação de dor de zero a 10, em que zero representaria ausência de dor e 10, uma dor insuportável, verificamos que 30% dos trabalhadores apresentavam uma dor diária graduada em nível 7 e 28% dos trabalhadores, em nível 8. A interpretação da sensação dolorosa envolve não apenas aspectos físico-químicos de captação das excitações dolorosas mediante um receptor nervoso sensitivo, mas também os componentes socioculturais dos indivíduos e as particularidades do ambiente em que o fenômeno nociceptivo é experimentado.

De acordo com referencial teórico de Assunção (1995), foi possível classificar as LER/DORT dos entrevistados em estágios, configurando 70% dos entrevistados no estágio máximo, conhecido como fase 4 das LER/DORT. O referido estágio se caracteriza pela impossibilidade de realizar tarefas domésticas e de trabalho, pela dificuldade de dormir devido à dor, por exacerbação da dor e edema, pela limitação dos movimentos, por força muscular diminuída, atrofia e/ou deformidades.

#### Relatos

Os trabalhadores apontaram os fatores organizacionais como um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento das LER/DORT, pois, como eles não têm liberdade para gerenciar suas atividades, foram levados: a submeter-se a horas extras, provocando jornadas de trabalho extensas; a realizar atividades repetitivas com ritmos produtivos elevados; a trabalhar em postos de trabalho sem dispositivos facilitadores na linha produtiva; a permanecer em ambientes de trabalho inadequados, com baixa iluminação ou excesso de calor ou frio; a realizar esforços excessivos, bem como a manter as mesmas posições corporais por períodos demasiado longos; a sofrer o acúmulo de funções com a exploração de suas habilidades, configurando excesso de trabalho; e a dedicar-se ao trabalho de forma abusiva na busca pelo reconhecimento. Conforme uma operadora de *telemarketing*:

O ambiente era de uma cobrança muito grande, tudo com meta pra atingir. Tanto que da minha época, e faz 2 anos que eu tô afastada, se eu voltar lá não tem mais nenhum funcionário que trabalhava comigo.

diantes de trabalhadores que utilizam a força para vencer as dificuldades impostas pelos processos produtivos. Segundo as entrevistadas: *Eu produzia mais que os outros, não ganhava cesta básica, não ganhava nada, eles querem pessoas que produz.*

É possível observar que o trabalho dos trabalhadores está caracterizado por uma reestruturação produtiva com o objetivo de não ser excluída e sim integrada. Verificamos corpos dóceis, moldados, transferidos para o mesmo tempo, corpos flexíveis, moldados para se a qualquer situação imposta, mesmo que resulte em adoecimento. Observa-se no relato da industrialização de alimentos a transferência dos processos de organização do trabalho para os trabalhadores.

Isso foi uma mudança muito rápida, mudou também o nosso biscoito. Meu Deus do céu, complicadíssimos, a gente não se desmanchava em cima da mesa, não se desmanchavam em cima da mesa, não queriam que o pique fosse ruim, quando eu fui me entregando, não fui.

O conceito de trabalho desses trabalhadores é moral configurado por uma ética. Como um “regime de verdade”, a ética serve para constituir os processos identitários próprios da existência, como a função da dominação do capitalismo (Nardi, 2004). Os relatos demonstram que é por meio do trabalho que as necessidades construídas pelo trabalho, assim, alcançar objetivos como a aquisição de utensílios domésticos e de outros bens, como podem ser integrados à sociedade, como suas atividades profissionais. Pode-se dizer, de acordo com a mesma trabalhadora:

Trabalho, pra mim, é uma coisa que me faz uma pessoa se sentir bem, valorizada. Quando eu não eleva. Agora que eu não tô trabalhando.

normatizadas, que se estenderam de pais/mães para filhos (as). Uma trabalhadora de limpeza disse: *Eu me irrito porque eu sempre trabalhei e eu não consigo mais. Eu me criei sempre trabalhando, daí é difícil não ser mais assim.*

Socialmente, a doença é aceita como uma explicação do porquê de não trabalhar mais, preservando a identidade de trabalhador e mantendo os atributos morais que lhe são associados de ser ativo, forte, honesto, bravo (Jacques, 2002). Para os entrevistados, o adoecimento ameaça a identidade de trabalhador, já que se apresenta como uma maneira de retirar o pouco reconhecimento que a sociedade oferece. Eles relataram serem trabalhadores dedicados e não entenderem a razão de não conseguirem mais trabalhar. A doença, para eles, não os libera das práticas profissionais. Eles permanecem impulsionados a manter-se trabalhando, presos à dominação capitalista produtiva, visto que essa é a única maneira de darem sentido às suas existências, permanecerem integrados à sociedade e serem cidadãos. Conforme uma secretária: *Quando a empresa determinou que eu devia me afastar, pra mim foi horrível, me arrasou de todas as ordens, tanto emocional, quanto financeira, porque eu gostava daquilo, era como se tivessem me tirado o pão da boca, o ar que eu viva.*

No processo de formação da identidade de trabalhador, carrega-se na memória a promessa de ser confiável, honesto, dedicado, enfim, ser “trabalhador”. A carga da responsabilidade que se assume é uma característica dessa identidade. Se, por algum motivo, não conseguir cumprir sua promessa, como no caso do adoecimento, o trabalhador sente-se culpado e em dívida (Nietzsche, 1998). Essas características dos entrevistados, de serem dedicados e responsáveis, podem ser pensadas com base no que diz Nietzsche a respeito da origem da responsabilidade. Para esse autor, no momento em que o homem é capaz de fazer promessas e tornar-se necessário, confiável, dentro do que se chama de uma “moralidade do costume”, ele torna-se um devedor. Para infundir confiança e garantir seriedade, empenha aquilo sobre o qual ainda tem poder, como seu corpo, sua liberdade ou até mesmo sua vida. Segundo uma tecelã:

Se desse uma peça errada, tinha bronca. Só que eu nunca errei, fazia tudo certo. As que erravam escondiam as peças erradas. Daí as que não erravam entregavam pro patrão e as que escondiam eram demitidas. Eu entregava. Foi aí que a malharia foi crescendo. Nós fomos arrumando a malharia. Eles diziam que não iam valorizar se fizesse mais peça, porque eles queriam o teto, mas eu ficava chateada porque eu queria, no mínimo, um elogio deles.

de trabalho, na maioria das vezes sem receber como indivíduos e como profissionais.

O reconhecimento profissional nas falas se traduz em reivindicações por respeito, ambiente de trabalho bom, direito a pausas, funções e uma diminuição dos ritmos de trabalho, que esses trabalhadores reivindicavam em resposta à pressão exercida sobre eles diariamente para atingir níveis de produtividade cada vez mais alta e qualidade. Em suas falas reside uma contradição: pressão para atingir níveis cada vez mais altos de produtividade, mas aumentam espontaneamente produtivas para chamar a atenção da chefia e reconhecimento. De acordo com uma costureira:

Reconhecimento é pagar um pouco melhor, fazer-se tornar um pouco melhor. Porque lá era muito tudo era muito estúpido com as pessoas. A gente ficava porque ele já vinha xingando, e daí de tão nervosa trabalhar direito. Sei lá, podia dar uns minutos pra Porque daí as pessoas vão com tudo trabalhar.

Nos relatos das entrevistas desta pesquisa percebemos exigências diferenciadas impostas nas relações de trabalho, o porquê de as mulheres serem mais referidas às LER/DORT. Muitas delas eram responsáveis pelo sustento da casa e pela criação dos filhos, tinham que permanecer trabalhando, fazendo horas extras, dar conta de uma produção como para melhorar a oferecer melhores condições de vida para seus filhos. Muitas vezes, preocupadas por deixarem seus filhos ainda responsáveis pela manutenção da casa, o trabalho em dupla jornada. Algumas eram autônomas, realizando trabalhos profissionais em casa, intercaladas com as responsabilidades dos filhos. Quando trabalhavam em empresas, buscavam demonstrar dedicação maior que os colegas homens para que comprovar suas competências. Como disse uma costureira:

Eu dava aquele pique na casa de manhã e de tarde, costura e ia até 2 horas da manhã, tranquilamente. Eu fazia intervalos durante a costura pra atender a escola da filha, pra fazer janta, pra atender a casa, parava e voltava pro atelier de novo.

Como um efeito cumulativo de tensionamentos, chegaram ao estágio em que não se tratava apenas de *estarem tensas*, mas sim de *serem tensas*. Relataram que, ao menor estímulo, tanto físico por algum esforço como psíquico por alguma preocupação, os tensionamentos pioravam, gerando cada vez mais dores. De acordo com uma forjadora:

Eu trabalhava com os músculos sempre tensa, porque, em primeiro lugar, não pode parar uns minutos pra relaxar e, em segundo lugar, não tem liberdade. Porque se a mente não tiver dizendo que tem o direito de relaxar, ninguém vai relaxar. Eu não sentia que podia relaxar. Eu tinha que trabalhar e seguir em frente. Eu terminava o dia tensa. Daí ia pra casa, fazia as coisas da casa e ia pro meu banho. Porque daí a mente vai descansar. Não adianta o corpo ir descansar se a mente não tá tranqüila. Eu acho que as duas coisas têm que estar de comum acordo, mente e corpo, prá ficar descansada. Nos últimos tempos eu não conseguia mais descansar, nem corpo nem mente.

Os trabalhadores, presos às suas vivências profissionais, após serem afastados de suas atividades, passam o tempo em casa revivendo tais vivências, tendo suas dores intensificadas. Um dos fatores desencadeadores deste processo de lembrança das vivências profissionais ocorre ao perceberem as limitações de suas normas de vida decorrentes do adoecimento. A incapacidade de realizarem atividades que sempre haviam desempenhado reforça na consciência essas memórias. A dor diária impede-os de esquecer as vivências, fazendo deles corpos presos às suas consciências, impossibilitados de viverem o novo sem o contaminar com o velho. Deleuze e Guattari (1996) e Gil (1997) apontam que corpos presos às suas consciências deixam de ser lugares de passagem do inconsciente, de passagem para novos afetos, de novas intensidades, e passam a ser corpos presos a um organismo, sedimentado, com formas e funções determinadas. Conforme o relato de uma calçadista: *Quando eu tento fazer uma coisa e não consigo, aquilo me deixa desatinada. Daí eu tenho que tomar um calmante. A dor fica até quatro vezes maior, parece que, quando eu fico assim, mexe alguma coisa no corpo que piora.*

Os trabalhadores adoecidos cronicamente apresentam grande dificuldade de recuperação de suas lesões. Entre os motivos verificados para tal dificuldade, encontramos a própria cronicidade, a falta de assistência e, além disso, a dificuldade de esquecimento das situações traumáticas vividas. Não lhes basta parar de trabalhar, ser medicados ou ver suas dores tratadas, eles precisam esquecer suas vivências afetivas. A cada tentativa frustrada de

somados a esforços intensos e movidos por instrumentos de trabalho ergonomicamente inadequados, os trabalhadores de maneira não apenas extensiva e como também de maneira intensiva não alcançam as metas propostas. Esses tensionamentos do ritmo produtivo, acabaram utilizando-se como um componente sobre o qual tinham almejado o controle.

Foram exigidas competências de adaptação, de envolvimento de suas subjetividades, de capacidade de competir, de adaptar-se ao trabalho e de inserir-se em situações que se estabeleciam.

As exigências atuais podem ser compreendidas a partir dos conceitos de Negri (2001) acerca da natureza imaterial não é apenas intelectual, mas também é aquela que a ferramenta de trabalho hoje esconde, tudo o que pertence ao “sentir”. Para ele, o trabalho se baseia nas relações de afeto que produzem a vida em produção a própria vida. É através do trabalho, por meio da linguagem e da comunicação, que se configuram.

Quando os trabalhadores entram em produção, envolvendo tudo o que produzem, utilizam de maneira autônoma na realidade, suas habilidades são absorvidas pelo trabalho, característica exigida por aquele processo de trabalho prescrito e pressuposto. Dessa forma, a subjetividade dos trabalhadores corrompe-se.

Se a subjetividade dos trabalhadores é corrompida pelo trabalho, o trabalho também atua sobre a subjetividade. Para Rolnik (1995), na subjetividade dos trabalhadores se vai fazendo de fluxos e partículas que se conectam, atual e que se conecta com outros fluxos e partículas, coexistem, somando-se e produzindo novas composições provocam um rompimento da figura subjetiva atual. A cada vez que se produzida por nosso corpo em sua forma, o trabalho nos exige a criação de um novo corpo, uma diferença que encarnou em nós e que se produz.

Pelbart (1989) considera a subjetividade dos trabalhadores como a inflação das forças do corpo, mais do que a

Portanto, a subjetivação é o dobrar das forças do fora, é um regime de regulação dos fluxos que permitem ou não determinados acoplamentos com o trabalho, que não constitui o sujeito, mas cria modos de existência. A produção de subjetividade “capitalística” que produz indivíduos normalizados configura a identidade de trabalhador, determinando os modos de ser e de trabalhar (Deleuze, 1992; Guattari, 1986).

Neste estudo, observa-se de maneira acentuada o traço identificatório de trabalhador nos entrevistados. Tal identificação, constituída pela “produção de subjetividade capitalística”, determina os modos de existência e favorece o regime produtivo intensivo. O modo de existência apresenta-se de tal maneira que, apesar de os entrevistados estarem adoecidos, eles permanecem impulsionados a continuar trabalhando. Tendo o trabalho como o único meio de estarem integrados à sociedade, eles permanecem presos a essa identificação, o que acaba gerando sofrimento, já que não conseguem realizar suas atividades.

Se a identidade de trabalhador é constituída no reconhecimento do outro (Guattari, 1986), com a doença os trabalhadores vêem ameaçadas suas identidades ao serem discriminados por seus pares por estarem doentes. Mesmo com a identidade de trabalhador ameaçada pela doença, os entrevistados demonstraram estar “anestesiados” e deixam vibrar em suas peles apenas o que não desestabilize seus vícios de identidade (Rolnik, 1995).

Como característica desta subjetividade “capitalística” produzida, encontramos a tensão muscular excessiva determinando não apenas os modos de trabalhar, como também os modos de ser. A tensão excessiva de indivíduos com fatores psicossociais ativos é uma contração muscular estática que gera um aumento da pressão intramuscular, levando à compressão dos vasos sanguíneos intramusculares. Dessa forma, a nutrição da musculatura pode ficar perturbada, especialmente quando a contração for elevada, ocasionando um déficit de oxigênio (uma isquemia) que obriga o músculo a trabalhar em condições anaeróbicas com um conseqüente acúmulo de ácido láctico, irritante poderoso das terminações nervosas de dor (nociceptores), o que leva à fadiga muscular (Assunção & Almeida, 2003; Ranney, 2000). Couto (1998) aduz que esse estado de tensão muscular excessivo predispõe o trabalhador ao desenvolvimento de lesões.

Verifica-se, com base na alta freqüência da tensão muscular excessiva nos trabalhadores entrevistados, que as LER/DORT podem ter que originar essas tensões, podendo ser o elemento

entendendo seus acometimentos como processo das relações entre o trabalhador e o trabalho que de transformação, e, acima de tudo, quisemos p de maneira que permitisse ir além das evidências senso comum. Mas o fato é que muito ainda r pesquisado acerca desses trabalhadores adoeci afirmar é que estamos diante de acometimen epidêmicos e que exigem a atenção de profissio de trabalho. Esta pesquisa, na tentativa de aproxi reforça a importância de pesquisas com enfoqu possibilitem encontrar meios para auxiliar esse

## Referências

- Assunção, A. A. & Almeida, I. M. (2003). Doenças osteomusculares do trabalho: Membro superior e pescoço. Em R. Mendes (Org.), *Doenças do trabalho* (pp. 1501-1539). Rio de Janeiro: Atheneu.
- Assunção, A. A. (1995). Sistema músculo esquelético: Lesões (LER). Em R. Mendes (Org), *Patologia do trabalho* (pp. 1501-1539). Rio de Janeiro: Atheneu.
- Couto, H. A. (1998). Fatores causadores das lesões de membro superior. Em S. J. Nicoletti & O. Lech (Orgs), *Como gerenciar a qualidade do trabalho* (pp. 67-112). Belo Horizonte: Ergo.
- Deleuze, G. (1990). *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa.
- Deleuze, G. (1992). *Conversações*. São Paulo: Ed. 34.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1996). *Mil Platôs* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Tróika.
- Foucault, M. (1988). *Vigiar e punir: História da violência nas prisões*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Foucault, M. (1999). *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martinus.
- Gil, J. (1997). *Metamorfoses do corpo*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Guattari, F. & Rolnik, S. (1986). *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Graal.
- Jacques, M. G. (2002). Doença dos nervos: Uma expressão da doença mental. Em M. G. Jacques & W. Codo (Orgs), *Doenças do trabalho* (pp. 98-111). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Kuorinka, I. & Forcier, L. (1995). *Work-related musculoskeletal disorders: A reference book for prevention*. Great Britain: Taylor & Francis.
- Mello, P., Pozza, M., Sebben, J. C. & Vieira, M. H. B. (2001). *Prevenção de doenças do trabalho do Hospital de Clínicas de Porto Alegre*. Curso não-publicado, Curso de Especialização em Saúde do Trabalho, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Moon, S. D. & Sauter, S. L. (1996). *Beyond biomechanics: Psychosocial factors in office work*. London: Taylor & Francis.
- Nardi, H. C. (2002). *Trabalho e ética: Os processos de subjetivação do trabalhador metalúrgico e do setor informal*. Tese de Doutorado não-publicada, Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Negri, T. (2001). *Exílio: Seguido de valor e afeto*. São Paulo: Iluminismo.
- Nietzsche, F. (1998). *Genealogia da moral: Uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Pelbart, P. P. (1989). *Da clausura do fora ao fora da clausura: Lutas e resistências*. Rio de Janeiro: Graal.